

UMA POÉTICA DOS AFETOS MOVE A RODA DAS  
ENCARNAÇÕES, DE SÓNIA SULTUANE

\*\*\*

A POETRY OF AFFECTS MOVES THE WHEEL OF THE  
INCARNATIONS, BY SÓNIA SULTUANE

Joranaide Alves Ramos<sup>1</sup>  
Sávio Roberto Fonseca de Freitas<sup>2</sup>

**Recebimento do texto:** 14/09/2021

**Data de aceite:** 11/10/2021

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é analisar como os afetos e as afecções estão representados na Poesia moçambicana, em especial, em *Roda das Encarnações* (2017), de Sónia Sultuane. Para tanto, consideramos como o lugar de fala ocupado por esta escritora promove empoderamentos individuais e coletivos, em especial, para grupos subalternizados, em um País vítima de um processo longo e cruel de colonização. Foi necessário desenvolver um estudo exploratório, bibliográfico e qualitativo, buscando contribuições teóricas de diferentes especialistas, tais como Secco (2010; 2014), Pinheiro (2018), Freitas (2020), Frazão (2018), entre outros. Entendemos, como isso, que *Roda das Encarnações* é uma poesia de resistência, que abala os discursos hegemônicos, cria condições e espaços para autorrepresentação e representação de seus pares, dando visibilidade aos povos subalternizados e marginalizados. Estas ações permitem empoderamento individual e empoderamento da comunidade moçambicana, emancipando-a social e politicamente, e possibilitando vivências equalizadas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Afetos. Afecções. Empoderamentos. *Roda das Encarnações*. Sónia Sultuane.

**ABSTRACT:** The aim of this article is to analyze how affections and affections are represented in Mozambican poetry, in particular, in *Roda das Encarnações* (2017), by Sónia Sultuane. Therefore, we consider how the place of speech occupied by this writer promotes individual and collective empowerment, especially for subalternized groups, in a country victim of a long and cruel process of colonization. It was necessary to develop an exploratory, bibliographical and qualitative study, seeking theoretical contributions from different experts, such as Secco (2010; 2014), Pinheiro (2018), Freitas (2020), Frazão (2018), among others. As such, we understand that *Roda das Encarnações* is a poetry of resistance, which shakes hegemonic discourses, creates conditions and spaces for self-representation and representation of their peers, giving visibility to subalternized and marginalized peoples. These actions allow individual empowerment and empowerment of the Mozambican community, emancipating it socially and politically, and enabling equalized experiences.

**KEYWORDS:** Affections. Affections. Empowerments. Wheel of Incarnations. Sónia Sultuane.

1 Doutoranda em Letras – PPGL (UFPB); Mestra em Estudos Literários – PPGL (Ufal); Docente do Centro Universitário do Rio São Francisco – UniRios; Docente substituta do IFBA, Campus Paulo Afonso. E-mail: joranaide.alvesramos@gmail.com

2 Doutor em Letras pela UFPB. Professor de Literaturas de Língua Portuguesa do Departamento de Letras do CCAE-UFPB (Campus IV) e do Programa de Pós-Graduação em Letras do CCHLA-UFPB (Campus I). Líder do Grupo de Pesquisa MOZA (Moçambique e Africanidades), cadastrado no CNPq e certificado pela UFPB. E-mail: savioroberto1978@yahoo.com.br

## Considerações Iniciais

Conscientes da necessidade de questionar discursos normativos e da urgência em discutirmos temas como igualdade de gênero, identidade, colonialismo, patriarcado, por exemplo, fazemos esta leitura da Coletânea *Roda das Encarnações* (2017), de Sónia Sultuane<sup>3</sup>, demonstrando que esta escritora constrói uma voz poética voltada para representações da natureza no sentido de propagar um humanitarismo no feminino atento às discussões sobre as relações de raça, classe e gênero, compondo imagens líricas e profundas sobre os sentimentos e as adversidades que marcam as relações humanas individuais e coletivas, peculiaridade que atribuímos àquilo que chamamos de Poética de Afetos.

Para refletir sobre *Roda das Encarnações*, inicialmente, discutimos sobre como o contexto social moçambicano, marcado pelo processo de colonização, influenciou a literatura local, originando consciências poéticas que contribuíram aberta ou indiretamente com a convocação para a luta a favor da libertação do povo, levantando-se a favor da ancestralidade africana e contra o racismo, à escravidão e demais violências decorrentes desse processo. Investigamos, por isso, como os afetos e afecções são representados e inscritos na Poesia de Sónia Sultuane, considerando seu cunho lírico e introspectivo e as profundas incertezas sociais que marcam Moçambique, decorrentes de sua colonização. Além disso, atentamos para o fato de ser uma poesia de autoria feminina, de resistência, fato que desestrutura os chamados discursos hegemônicos e normativos, criando as condições necessárias para autorrepresentação e representação de seus pares, tornado visíveis saberes originados de grupos subalternizados. Este raciocínio contribuiu, também, para a discussão sobre empoderamento individual e consequente construção de coletividades empoderadas, antes marginalizadas, enfatizando sobre como essas ações criam a consciência de que todas as pessoas podem existir e possuem lugares de fala, rompendo com hierarquias opressoras e permitindo a construção de um mundo equânime.

Foi necessário desenvolver um estudo exploratório, bibliográfico e

---

3 É uma poetisa, escritora, artista plástica e curadora, além de contribuir com a música, a dança, a moda e a fotografia. Publicou quatro coletâneas poéticas: *Sonhos* (2001), *Imaginar o Poetizado* (2006), *No Colo da Lua* (2009) e *Roda das encarnações* (2016). Tem dois contos infanto-juvenis: *A Lua de N'weti* (2014) e *Celeste, a boneca com olhos cor de esperança* (2017). Criou, em 2008, o projeto artístico (Walking Words), lançando, em 2021, através de uma plataforma digital, livro sobre esse projeto.

qualitativo, buscando contribuições teóricas de diferentes especialistas, tais como Carmen Lúcia Tindó Secco, em *De sonhos e afetos: percursos da poesia moçambicana* (2010) e *Afeto & Poesia – Ensaio e entrevistas: Angola e Moçambique* (2014), Vanessa Neves Riambau Pinheiro, em *Entre fronteiras marítimas e corpóreas: apontamentos sobre os rumos da poesia moçambicana contemporânea* (2018), Sávio Roberto Fonseca de Freitas, em *Das naturezas que se movem pelo afeto na poesia de Sónia Sultuane* (2020), José Carlos Chaves Brazão, em *Afecção e Afeto em Spinosa e Daniel Stern: Considerações Clínicas* (2018), entre outros.

### **Na Roda das Encarnações: afeto, afecções, augar de fala e empoderamento**

Segundo Vanessa Pinheiro (2018), nas últimas décadas, o Ocidente tem visto o florescer de literaturas de nações em desenvolvimento, fundadas com base no processo de descolonização arquitetado, principalmente, na segunda metade do século passado. Semelhante ao que ocorreu no Brasil, quando declarada a independência política em 1822, evento imprescindível para o Romantismo brasileiro e posterior [re]construção identitária do povo “recém-nascido”, o aflorar daquelas literaturas ocorre conjuntamente com o processo de refazimento da identidade daqueles países, agora livres da exploração colonial, em tese, pelo menos.

Nessas Nações, não raro, história e identidades são forjadas e a literatura contribui com esse feito mas, enquanto no Brasil, a produção novecentista alimentou o Cânone, as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, especialmente, desorganizaram-no e desestruturaram-no. A partir de 1950, conforme Carmen Secco (2010. p. 3), essas literaturas foram concebidas como “consciências revoltadas” e, no caso, de Moçambique, orientadas pela busca de suas raízes anteriores ao processo de colonização. Não à toa, os afetos que moviam os autores envolvidos nesta vertente de poesia, segundo ainda Secco, eram tristezas, abuso sexual, opressões, escravidão, colonialismo, racismo e ancestralidade africana, apostando na crítica aos colonizadores e na recomposição cultural daquelas sociedades. Trata-se de uma literatura jovem que ganha espaço significativo apenas no século XX, com nomes importantes como Noémia de Sousa (1926-2002) e

José Craveirinha (1922-2003), na poesia, Paulina Chiziane (1955) na prosa, – já reconhecida, editorada e exportada – por exemplo, entre outros. Essas autoras e esse autor criticam a colonização ao passo que proclamam sua nacionalidade ou sua moçambicanidade. Nesse contexto, Pinheiro (2018, p. 2), aponta para os imaginários criados a partir da declaração de independência do País que se deu apenas em 1975 e afirma que duas tendências são relevantes:

a primeira, que se pauta no princípio da diferença e do reconhecimento de identidades particulares – o que contribui para a falácia da homogeneização cultural e da exclusão de representações autóctones periféricas –, e a segunda, que reconhece as singularidades, mas considera apenas a noção de comunidade e não a de indivíduo.

Isto é, prevalece nestas literaturas, como na brasileira, um gosto apurado e exclusivo pela autoctonia e pela construção, por meio da arte, do destino heroico do coletivo, algumas vezes estereotipado; “a afetividade veiculada por esse tipo de poesia intentava criar uma atmosfera de solidariedade, cujo fim era garantir uma unidade política na organização das lutas, fortalecendo, desse modo, sentimentos de companheirismo, lealdade e paixão pela causa revolucionária” (SECCO, 2010, p. 6), retomada com a Guerra Civil (1977-1992). A literatura foi/é/será instrumento de combate em Moçambique. No entanto, nem todos os escritores se comprometeram ou se comprometem diretamente com questões políticas e sociais. Após a independência, o engajamento com a moçambicanidade e com o projeto utópico de nação que contrapõem vivências individuais, abre espaço para uma natureza mais intimista e universal presente em diversos projetos estéticos, como o de Mia Couto (1955) e o de Eduardo White (1963), visando, também expurgar as dores e o luto que marcaram o povo moçambicano.

Para isso, os novos poetas “defendiam um fazer literário que de novo facultasse aos sonhos” (SECCO, 2010, p. 150), entendidos como mecanismo de resistência cultural que dá voz aos sentimentos e desejos reprimidos, por sua natureza emotiva e representativa. Tal premissa coincide com o que dizem Chevalier e Gheerbrant (2008, p. 846) sobre ser o sonho uma expressão incontrolável, necessária ao equilíbrio biológico e mental como o oxigênio, o sono e a boa alimentação, servindo para liberar impulsos reprimidos, emergir problemas

que precisam ser resolvidos, além de, por sua natureza seletiva, aliviar a vida consciente, ao mesmo tempo em que é um revelador do ego e do self, restituindo “a pessoa a sua identidade própria, descobrindo o sentido de suas alienações [...] acelera[ndo] os processos de individualização que regem a evolução de ascensão e integração do homem.”

Além dos “sonhos”, poetisas e poetas moçambicanas/os julgaram conveniente erotizar seu País, adotando o “Amor”, em diversas formas, em suas criações líricas. A Poesia é, portanto, um lugar de afetos e de afecções, ora utópicos, ora distópicos, mas fundados na história de sua Nação, não raro, concentrados na Região Sul, faixa mais rica da Ilha.

Segundo José Brazão (2018), afeto e afecção são conceitos diretamente compatíveis, – tratados pela Filosofia e pela Psicologia, por Baruch Spinoza e por Daniel Stern, respectivamente, – intimamente relacionados ao corpo e fundamentais para as nossas relações com o mundo. É possível estabelecer ou perceber, nesse sentido, as relações entre literatura moçambicana e a história daquele Lugar. Aquelas/es escritoras/es são sujeitos sociais marcados pelo contexto circundante ao tempo que também deixam suas marcas, definindo aspectos comuns e caracterizando aquilo que chamamos de afecção, ou seja, “a qualidade sensorial da experiência” (BRAZÃO, 2018, p.80), ao passo que compõem individualidades e, neste caso, coletividades.

O afeto, por sua vez, para o mesmo autor que parte de Deleuze (1978) e de Jaquet (2004), é uma experiência que compreende, ao mesmo tempo, o corpo e a mente; é uma variação da força de existir; é, simultaneamente, a afecção que, por seu turno, afeta os corpos, reciprocamente, e sua potência de agir, produzindo efeitos uns sobre os outros. A conexão entre literatura e história moçambicanas continuam sendo vistas daqui, também, considerando que uma age sobre a outra porque se afetam mútua e reciprocamente, gerando novas afecções e novos afetos ciclicamente, através das experimentações e experiências novas que podem manifestar condutas políticas, críticas ou, aparentemente, mais subjetivas.

Partindo também do trabalho de Spinoza, Secco (2014, p. 13) investiga como os afetos e as afecções, “alegria, esperança, amor, ódio, tristeza, melancolia, etc.” estão retratados em obras e a partir de entrevistas de autores angolanos e moçambicanos, levando em conta a correlação com seus contextos. Secco (2014,

p. 13- 14) aponta, confirmando o que já propusemos, que um afeto “sucede concomitantemente, no corpo e na mente, abalando tanto a matéria como o espírito [...] integram a natureza do homem e não podem ser julgados como imperfeições; são concebidos como ações e reações humanas a determinadas afecções”, enquanto estas são “modos de sentir que afetam, principalmente o corpo; são imagens ou ideias que se manifestam como emoções, sentimentos provocados por causas externas, sensações”. Concordamos com Secco (2014, p. 21), ainda, quando ela afirma que pensar sobre os afetos indica “repensar o o mundo, apreendendo sentidos inusitados que a linguagem da poesia e da arte são capazes de formular. Afetando histórica, social, política, filosófica, existencial e esteticamente quem as admira, lê e/ou interpreta” (p. 21).

Sónia Sultuane, poetisa moçambicana, situa seu discurso lírico, uma voz feminina e que permeia temas como identidade, pertencimento territorial, autodescoberta e consciência ambiental, permitindo-nos refletir sobre afetos e afecções na poesia moçambicana, enquanto pensamos, também, sobre as relações socioculturais e de gênero de um país africano recém-independente que preserva tradições patriarcais e androcêntricas severas e cristalizadas. De sua obra publicada, selecionamos *Roda das Encarnações* (2017), coletânea marcada por espiritualidade, devoção e paixão por sensações. Vivências espirituais e carnavais se misturam e revelam reminiscências de uma mulher moçambicana, mulçumana, mãe, trabalhadora, de um mundo contingente e perecível, cíclico, de retorno das formas da existência, de ligação entre vivos e mortos, com movimentos harmoniosos, no espaço e no tempo, pelos mares, pela terra, pelos ares e, especialmente, por dentro de si.

Aqui, vemos vozes poéticas femininas, com consciência ecológica, em profunda harmonia consigo, com outrem – poucas vezes desesperançada com a humanidade –, com as águas, com a terra, com as plantas, com o Universo, a mulher guiada pela luz da lua, que é o próprio cosmos, grata pela vida, em contato com a morte, na roda das encarnações, que renasce sendo ela, sendo outras ou sendo os elementos da natureza não humana, tão essenciais para o equilíbrio e permanência dos seres humanos na Terra.

O quarto livro de poesia de Sónia Sultuane, *Roda das Encarnações*, segundo Francisco Noa, em Posfácio da obra (2017, p. 83):

Prepara não para uma ruptura, ou inversão, mas para uma espécie de aliança estruturante entre o pendor sensorial e o apelo místico. A roda das encarnações convoca necessariamente as doutrinas sobre a transmigração da alma ao longo de tempos imemoriais, de vidas anteriores, de emoções não resolvidas nessas mesmas vidas. Isto é, aquilo a que vulgarmente se chama *karma* ou destino e que teria a ver com o ciclo de intenções, ações e consequências que precisa ser quebrado para ultrapassar e resolver uma espécie de bloqueio encerrado... na roda das encarnações.

Para discutir mais detidamente essa Coletânea, é importante pensarmos sobre os sentidos dos termos do título. Segundo Chevalier e Gheerbrant (2008, p. 783-786), a roda:

participa da perfeição sugerida pelo círculo, mas com uma certa valência de imperfeição, porque ela se refere ao mundo do vir a ser, da criação contínua, portanto da contingência e do perecível. Simboliza os ciclos, os reinícios, as renovações [...]. É símbolo solar na maior parte das tradições [...]. a roda se revela como o centro imóvel, o princípio, e a camba [...] sua rotação permanente é renovação [...]. é também e sobretudo uma representação do mundo [...]. A roda é também o símbolo da mudança e do retorno das formas da existência [...]. nos textos sagrados, a roda simboliza, portanto, o desenvolvimento da revelação divina [...]. Entretanto, o símbolo da roda teria sido, durante muito tempo, lunar.

Já “encarnação” (do latim *in carnare*, fazer-se carne) é um conceito presente no Cristianismo, no Budismo, no Hinduísmo e no Espiritismo. A Bíblia se refere a encarnação para descrever Jesus como vindo em carne reconciliando-o ao espírito divino; vemos, pois, um sentimento de religiosidade que atravessa todo o livro. Entre outros muitos significados, selecionamos os mais apropriados para este estudo e reconhecemos a sensibilidade da Poetisa Moçambicana quando optou por esse título que representa bem a seleção de poemas dispostos.

Para ilustrar as reflexões feitas até aqui, selecionamos alguns poemas, a começar por “Na balança de Deus” (2017, p. 44):

O meu olfacto reconhece ao longe  
as raízes sanguíneas a que pertencço,  
todas essas almas que comigo se cruzam  
guardam os aromas do tempo  
quem me dera que os corpos mortos  
num breve sopro, me pudessem  
contar que também para lá da morte  
todos momentos que não partilhamos,  
todas as coisas que não dissemos  
teremos a oportunidade de fazê-lo  
com a mesma intensidade com que ali fizemos  
que a carne apodrece mas os sentimentos  
esses são eternos,  
que a matéria é uma triste ilusão  
é a oportunidade de reencarnarmos  
mesmo eu não tendo outro sentir, se não este que conheço  
afinal toda a vida vale a pena ser vivida,  
pois faz parte do nosso karma  
para quando regressarmos, sentados na balança de Deus,  
o nosso coração seja pesado com as medidas justas,  
e possa ficar equilibrado entre o amor e o perdão. [sic]

O texto apresenta uma voz lírica que reconhece sua ancestralidade, suas “raízes sanguíneas”. O eu lírico feminino, na roda das encarnações, reflete sobre vida e morte, sobre matéria e espírito, bem como sobre o equilíbrio “entre o amor e o perdão”. Inscreve-se, desse modo, a análise sobre as relações não partilhadas porque interrompidas pela morte; a conjectura sobre a realização dessas experiências “para lá da morte”; a consideração sobre a eternidade dos sentimentos e a ilusão que constitui a matéria, a carne, ao tempo que se cogita sobre a possibilidade da reencarnação, assim como sobre o julgamento de Deus sobre nossas ações. Além disso, destacamos a serenidade com que é dito que “toda a vida vale a pena ser vivida, pois faz parte do nosso karma”.

A transcendência e o humanitarismo evidentes neste poema permitem pensar sobre afetos e afecções. Todas as pessoas têm direito a viver, ao amor e ao perdão. Os afetos postos dizem sobre as sonhadas experiências coletivas equânimes, baseadas nos princípios da humildade e da igualdade. Esses sentimentos são retomados em “Uma flor chamada amor” (2017, p. 64):



Deus criou lugares únicos e especiais  
o jardim afectuoso e amoroso é um deles  
cada abraço, cada sorriso  
espalha o cheiro das flores vistosas que vemos  
discretamente partilharem  
como o amor ardente e apaixonado, é a vida,  
todos os momentos que temos a bênção de testemunhar  
vemos a força, beleza e simplicidade  
das flores do campo ou de um simples canteiro  
que querem muito estimar  
porque sempre existirá uma flor para dedicar  
porque sempre haverá um pedaço de céu para semear  
que o Universo seja um jardim imenso  
para que todos os dias possam trocar  
uma flor especial para renovar. [sic]

Outra vez, os afetos – o amor e a esperança – são utilizados para a construção de um espaço utópico representado pelo “jardim afectuoso e amoroso” criado por Deus – mesmo evocado, o panteísmo é predominante em sua Obra. Não raro, as flores são utilizadas para exprimir as relações entre humanos e os deuses, as dádivas divinas, a diversidade do universo, como propõem Chevalier e Gheerbrant (2008) e, aparentemente, esta ideia pode ser aplicada a esta leitura, visto que as relações harmoniosas entre os seres humanos representadas por “cada abraço, cada sorriso” espalha o perfume das flores que são “força, beleza e simplicidade” e símbolo de renovação quando dedicadas a alguém “porque sempre haverá um pedaço de céu para semear”; nesse contexto, as pessoas são um pedaço de céu.

No final, o eu lírico que entende a vida como sendo o “amor ardente e apaixonado”, espera que o Universo seja um “jardim imenso” e seja sempre renovado pela troca de flores. O amor é disseminado e pode brotar nesse jardim que nos cerca ao tempo que nos faz e nos renova; as pessoas são flores que podem se doar para/por outrem. Embora, o poema parta de aparentes sentimentos individuais, a voz poemática inscreve uma rede de afetos e afecções que contribuem com o sonho de uma coletividade humanizada, descolonizada e decolonizada. Este afeto, o amor, é recobrado em “Nada é puro aqui, onde existimos” (2017, p. 63):

Mas mesmo assim arrisco em crer no amor  
não no amor do corpo, do prazer, do êxtase  
mas no amor que me foi incondicional doado  
para resgatar dentro de mim a minha consciência  
arrisco em crer no amor que me torna responsável pela  
humanidade,  
que me faz ver no espelho da vida a minha própria existência  
creio nesse amor  
porque Deus faz com que todos os dias  
eu veja como é magnificamente belo amar,  
somente amar.

Esta voz lírica é crente no amor fraterno que a torna “responsável pela humanidade”, embora reconheça a impureza do lugar onde existe. Este afeto é o que a faz retomar sua consciência e a percepção sobre a beleza de amar. Este amor não é individual e coloca-se como uma alternativa política para opressões e repressões de gênero, de classe e de raça.

É evidente, na Poesia de Sónia Sultuane, a relação de afeto com natureza, o que chamamos de consciência ecológica e fundamenta nossas reflexões sobre as liberdades e libertações fundamentais para a vida. A poetisa disse, em entrevista a Secco (2014, p. 159):

Os afetos, entre outros, que atravessam a poesia moçambicana são a indignação contra a colonização e a escravatura, o desejo de libertação, a solidariedade, amizade, etc. A nossa própria história como nação fez brotar mais esses tipos de afetos, que se agudizaram, em determinando momento, com a resistência à colonização, a luta de liberdade nacional, momento em que a poesia jogou também um papel importante como um veículo de informação e emoções. Em relação a minha poesia, os sentimentos que elegeria seriam o amor, a paixão, a esperança, os afetos e desafetos em geral.

Sobre isso, Freitas (2020) aponta que, para Sónia Sultuane, a poesia moçambicana é uma forma de reagir às imposições coloniais por meio dos afetos que, por sua vez, liberta dos desafetos. Moçambique foi profundamente atravessada por guerras colonial e civil e, agora, por uma crescente modernização desinteressada pela preservação das tradições; nesse contexto, a Poesia de Sónia

Sultuane, através dessa visível conexão com as forças da Natureza, busca os equilíbrios humano e sociais desestruturados, o que também é uma atitude política, inscrita pelo “afeto, subjetividade e reconhecimento territorial” (FREITAS, 2020). Em “Segura na minha mão” (2017, 66):

O amor é sentido por gestos, por afectos, não por palavras  
em vão,  
o amor é sentido pelas ausências,  
pela dor que é do outro e passa a ser nossa,  
pelo medo do outro partir,  
amor é dar o ombro ao outro para se deitar, para descansar,  
quando a vida parece fugir,  
é anularmo-nos para quem precisa de nós,  
amor não é descartar, mentir, fugir, fingir,  
o nosso relógio deixa de fazer sentido deixa de marcar o  
tempo, amar e dizer estou aqui  
deita a tua alma na minha que abraçarei o teu coração,  
para que eu possa sentir  
cada batimento de tua vida, da tua existência,  
amor é viver do outro e no outro. [sic]

Embora seja um poema dedicado à Fátima Sultuane, sua irmã, a fraternização e o amor alcançam todos os seres humanos. A voz poética está tomada por empatia e solidariedade, constituindo com todas as pessoas a noção de coletividade. O poema se funda a partir da importância de compreender as emoções e os sentimentos de outrem; da necessidade de enxergar, ouvir, respeitar e tratar com igualdade as pessoas que nos cercam. Tais percepções são retomadas em “Gratidão” (2017, p. 67), quando o eu lírico, depois de se colocar à disposição dos outros seres, poetisa sobre como ela é retribuída por tanto amor:

Todos os dias tenho mãos desconhecidas que me seguram,  
que me abraçam que limpam as feridas escondidas em mim.  
Todos os dias recebo sorrisos que amolecem o meu coração,  
todos os meus medos e os meus porquês,  
choro em silêncio  
pois estou profundamente grata a Deus  
e a todos que estão a fazer esta caminhada e este descobrimento  
da vida comigo,  
afinal tenho tantos anjos da guarda feitos gente  
a ajudar-me a agarrar esta fé e coragem

para seguir em frente,  
sinto-me impotente pois não sei como retribuir este amor,  
a vida é realmente bela e vale a pena lutar por ela.

A experiência de amar e servir a outrem gerou, neste caso, a reciprocidade necessária para o bem comum. Os afetos são, de fato, nesta poesia, ações e reações humanas às afecções. Há, pois, uma vontade generalizada de acompanhar, de cuidar das pessoas, o que torna a vida “realmente bela e vale a pena lutar por ela”. A voz poética, por tais motivos, reconhece anjos nessa gente e motivo para ser grata a Deus.

A Poesia de Sónia Sultuane, em especial, aqui, de *Roda das Encarnações*, inscreve afetos que buscam estabelecer novos[velhos] sentidos de humanidade entre os seres humanos, outros sentidos de liberdade, fundados em um contexto profundamente marcados pelo colonialismo e por suas devastações – capitalismo e patriarcado – que promovem, ainda, incertezas sociais e políticas.

Neste cenário, naturaliza-se a falsa superioridade dos homens, sexismo, dominação masculina e, também, por isso, é necessário e importante reconhecer o lugar que ocupa, hoje, Sónia Sultuane na literatura moçambicana. Ao escrever, Sónia Sultuane rompe com os chamados discursos hegemônicos e ultrapassa as barreiras causadas pela exclusão de gênero e, conseqüente, subalternização, criando condições e espaços para autorrepresentação e representação de seus pares, bem como meios para serem ouvidas/os. Sua Poesia é, portanto, resistência porque visibiliza e valida saberes e raízes originados de grupos subalternizados. Tais grupos são historicamente marginalizados e suas identidades foram/são cruelmente deslegitimadas pelos processos de colonização, criando profundas desigualdades sociais enquanto alguns grupos são privilegiados. Nesse sentido, baseando-se em Ana Lima, Djâmila Ribeiro (2017, p. 25) aponta que:

seria urgente o deslocamento do pensamento hegemônico e a ressignificação das identidades, sejam de raça, gênero, classe para que se pudesse construir novos lugares de fala com o objetivo de possibilitar voz e visibilidade a sujeitos que foram considerados implícitos dentro dessa normatização hegemônica.

Esta Poesia permite, então, pensar sobre novos e outros lugares de falas, reexaminando as noções identitárias essencialistas e universalistas, considerando suas individualidades marginalizadas ou abafadas, tais como raça, classe, gênero, orientação sexual, religião, fronteiras que em conjunto ou fragmentadas engendram opressões das mais variadas, decorrentes da colonização e do capitalismo. Pensando em questões como essas, respaldada pela leitura de Patrícia Hill Collins, Ribeiro (2017) aponta sobre a necessidade de compreender as “categorias de raça, de gênero, de classe e de sexualidade como elementos da estrutura social que emergem como dispositivos fundamentais que favorecem as desigualdades e criam grupos em vez de pensar essas categorias como descritivas da identidade aplicada aos indivíduos”. A filósofa registra ainda a importância de criar condições sociais que permitam aos grupos subalternizados acessarem lugares de cidadania a partir de experiências diversas e coletivas para estes grupos, rompendo, por sua vez, com visões universalistas.

Nesse sentido, concordamos com Ribeiro (2017, p. 36) quando aponta que “o falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir”. Sobre isso, recortamos, aqui, especialmente, o lugar de fala das mulheres que são silenciadas e invisibilizadas em muitas sociedades que consideram seu corpo, suas funcionalidades – determinando papéis relacionados ao lar e à família – mas não seu posicionamento político e produção de conhecimento científico ou artístico. Nesse sentido, a poesia moçambicana de autoria feminina permite repensar sobre as relações humanas e seus laços solidários e comunitários, ao tempo que colabora para com a contestação da “historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente[s] da hierarquia social”, rompendo “com o regime de autorização discursiva” (RIBEIRO, 2017, p. 36-39). Contrapondo-se a essas estruturas violentas, Sónia Sultuane inscreve uma mulher múltipla que pode representar muitas outras mulheres, em “Penso despertar em mim belezas ocultas” (2007, p. 71):

Tenho em mim esta garra  
que me transforma  
nessas mulheres de vários karmas  
mulher agreste, mulher poente  
mulher confusa, mulher vidente  
fico desperta quando descubro

que já vivi em outros mundos  
com belezas ocultas de deusa, peregrina, supérflua, feiticeira,  
todas guardas nas profundezas do meu sangue,  
da minha alma velha, mas de menina ainda contente. [sic]

A mulher representada na voz do poema é forte, una, mas multifacetada – por isso, dizemos que ela pode representar seus pares –, pois tem vários karmas – uma espécie de lei de causa e de efeito que vai muito além das explicações sobre sorte ou azar, do “colhemos o que plantamos” ou do “aqui se faz, aqui se paga” porque pode ultrapassar vidas, ideia presente nos textos filosóficos e religiosos de todas as religiões indianas, bem como no Cristianismo e no Judaísmo que não preveem a reencarnação. Essa mulher carrega marcas de muitas mulheres que viveram muitas vidas, “em outros mundos” e que na roda das encarnações faz dela o que ela é, “alma velha, mas de menina ainda contente”. Quando mulheres se propõem a escrever, automaticamente inscrevem sua existência e o seu corpo, bem como, de seus pares, expressando sua sexualidade textualmente, desbancando valores patriarcais e machistas, [re]singularizando as experiências, subjetividades e socialidade humanas, o que nos remete aos registros ecológicos guattarianos (2012, p. 8). Posicionar-se poeticamente é reconhecer, criando a sensação da inscrição nos versos, é poder que, à princípio individual,

de autoafirmação, autovalorização, autorreconhecimento e autoconhecimento de si mesmo e de suas mais variadas habilidades humanas, de sua história, e principalmente de um entendimento quanto a sua posição social e política e, por sua vez, um estado psicológico perceptivo do que se passa ao seu redor (BERTH, Joice, 2019, p. 18)

pode, também, atuar em prol de sua coletividade, empoderando a si e a sua comunidade, mas sem engendrar dependências entre os sujeitos envolvidos ou normatizar regras para ações dentro dos grupos minoritários. Esta é uma discussão proposta assertivamente por Berth (2019) quando aponta sobre o conceito de empoderamento como um instrumento que permite emancipação social e política e subversão dos poderes hegemônicos instituídos que discriminam mulheres e outros setores em determinadas situações, equalizando as experiências

e existências sociais. Conhecer sua realidade, entender as categorias de gênero, de raça e de sexualidade, por exemplo, que estruturam a sociedade, contribui para com o reconhecimento e para com a análise desses mecanismos que contribuem com as desigualdades. Sobre isso, destacamos o poema “Cada realidade” (SULTUANE, 2017, p. 48):

Vive de acordo com a tua verdade, tua honestidade,  
vive de acordo com as tuas crenças, tuas fragilidades,  
vive de acordo contigo, só tu conheces a realidade.

(Re)conhecer a sua realidade pode levar as mulheres, segundo Berth (2019), a atuar em seu benefício, mas o empoderamento individual e coletivo, consiste em outras dimensões que passam, além dessa dimensão cognitiva, pela dimensão psicológica, entendida como sentimento de autoestima; consciência política, ou seja, pela compreensão das desigualdades de poder e potencial para mobilização; até chegar a capacidade econômica, isto é, possibilidade de gerar sua renda. É evidente que isto não se faz de uma hora para outra. Trata-se de uma tarefa fundamentalmente política que conteste e combata as relações fundamentadas pela colonização e por seus mecanismos, como a instituição do patriarcado branco, ocidental, heterocêntrico e do capitalismo que autorizaram a dizimação das sociedades indígenas e africanas, restabelecendo relações comunitárias e não dicotômicas.

Insistimos com as reflexões feitas pela mesma feminista negra (2019, p. 35) de que o empoderamento deve ser um conjunto de “estratégias necessariamente antirracistas, antissexistas e anticapitalistas e as articulações políticas de dominação que essas condições representam”, intencionando mudanças sociais com abertura individual e coletiva, quer dizer, o empoderamento não deve partir somente de uma perspectiva individual, mas de transformações sociais coletivas em grupos historicamente oprimidos. Para Berth, empoderamento individual e empoderamento coletivo são essencialmente complementares, visto que as subjetividades e individualidades que formam uma coletividade empoderada dizem respeito àquela comunidade.

O lugar de fala de Sónia Sultuane e os processos revolucionários de empoderamento individual e coletivo que sua Poesia parece representar são

elementos que proporcionam discussão efetiva sobre as desigualdades sociais, relações de poder ao tempo que permitem uma transformação social local e externa. Nesse sentido, tomamos o que afirma Secco (2010, p. 153) sobre as poetisas e os poetas moçambicanos/os: tais artistas “transformam, desse modo, suas composições poéticas em locais políticos, onde o amor, os sonhos e os afetos surgem como alternativas políticas para libertar o pensamento e os sentimentos de cada cidadão dos paradigmas partidários utópicos e fechados, característicos dos tempos regidos por um *ethos* revolucionário”.

*Roda das Encarnações* tem fundamento no amor, no afeto e nas afecções com os quais podemos pensar ações que promovem empoderamentos individuais que, juntos, constroem coletividades empoderadas que respeitam, são solidárias, reconhecem as humanidades de outrem e, a partir disso, agem humanitariamente. Tais ações criam a consciência de que todas as pessoas podem existir e possuem lugares de fala, quebrando os silêncios estruturais, violentos e instituídos para os grupos subalternizados, rompendo com hierarquias opressoras e permitindo a construção de um mundo equânime.

## Últimas Considerações

Sónia Sultuane e sua Poesia são agentes de transformação social, em Moçambique. Sua obra, constituída essencialmente por uma voz lírica e feminina, ressingulariza poeticamente o universo feminino, bem como, reinscreve o imaginário ficcional de seu País, possibilitando uma reflexão sobre as relações humanas já mencionadas. Com a leitura de *Roda das encarnações*, foi/é possível refletir sobre os desafios e a urgência de criamos maneiras mais vivedouras para um mundo equânime para todas as formas de vida. A voz poética feminina convida leitoras e leitores a pensar sobre si, sobre um mundo justo, onde a única dicotomia existente, vida-morte, é diluída, visto a ideia circular de início-fim-início infundável, que se sobressai.

Tais contemplações foram possíveis através da reflexão feita sobre afetos e afecções na Poesia Moçambicana, marcada por incertezas sociais, ancoradas no processo violento de colonização e de guerras que instigam uma produção literária voltada para construção de sentidos e de sentimentos de humanidade e de



libertação entre os seres vivos. Em uma espécie de ciclo, de roda, as experiências individuais se tornam coletivas que, por sua vez, afetam as individualidades e vice-versa, originando uma Obra, aparentemente muito subjetiva, mas política e crítica que fala de si e de seus pares, afetando, inclusive quem a lê porque, permite pensar, também, sobre relações socioculturais e de gênero de um país africano recém-independente que preserva tradições patriarcais muito severas e cristalizadas e que não se limitam àquela Nação.

*Roda das Encarnações* é uma obra profundamente marcada por consciência ecológica e isso permite observar que as discussões realizadas são baseadas e propostas por uma poesia de autoria feminina, de resistência, fato que abala os chamados discursos hegemônicos e normativos, cria condições e espaços para autorrepresentação e representação de seus pares, retirando da invisibilidade saberes e raízes originados de grupos subalternizados e marginalizados. Estas ações permitem empoderamento individual, da poetisa e seus pares, e empoderamento de sua comunidade, emancipando-a social e politicamente, buscando experiências e existências equalizadas.

## Referências

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BRAZÃO, José Carlos Chaves. **Afecção e Afeto e Spinosa e Daniel Stern: Considerações clínicas**. In: *Ayvu – Revista de Psicologia*. v.4. n.2, 2018, p. 77-95.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

FREITAS, Sávio Roberto Fonseca de. **Sob o comando de uma lua submissa: A poesia moçambicana de Sónia Sultuane**. In: BRANDÃO, Izabel; LOURENÇO, Laury. *Literatura e Ecologia: trilhando novos caminhos críticos*. Maceió: EDUFAL, 2019. 101-116.

PINHEIRO, Vanessa Neves Riambau. **Entre fronteiras marítimas e corpóreas: apontamentos sobre os rumos da poesia moçambicana contemporânea**. In: *Revista Soletras*. n.36, 2018, p. 148-165.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

SECCO, Carmen Lúcia Tindó. **De sonhos e afetos**: percursos da poesia moçambicana. In: *Revista Cerrados*, v. 19. N. 30. 2010, p. 143-156.

\_\_\_\_\_. **Afeto e Poesia**: Ensaio e Entrevista: Angola e Moçambique. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2014.

SULTUANE, Sónia. **Roda das Encarnações**. São Paulo: Kapulana, 2016.